

## COMENTÁRIO DE KOŁODZIEJSKA A SINGLER<sup>1\*</sup>

COMMENT BY KOŁODZIEJSKA TO SINGLER

*Marta Kołodziejska*<sup>2</sup>

O artigo intitulado "*Abençoado pelo algoritmo*" *Concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais*, de Beth Singler, reflete sobre as associações com a inteligência artificial (IA) que aparecem em dois contextos discursivos: *tweets* contendo a frase "abençoado/amaldiçoado pelo algoritmo" e a Igreja Turing transumanista. O texto argumenta que, em ambos os contextos, pode-se observar uma perspectiva teísta sobre a IA e seu funcionamento. Ambos os casos indicam que algumas representações da IA se referem a sentimentos de admiração, mas também associações com um poder superior e experiências numinosas. O mistério por trás da tecnologia, sua onipresença e "onibenevolência" são fontes dessas experiências. Por exemplo, *tweets* como "Monitores [de computador] são os novos altares. Que você seja abençoado pelo Algoritmo!" ou "Adoro a frase 'abençoada pelo algoritmo'. É como se a paz estivesse com você em discurso técnico não religioso (sic)" (Singler, 2023, neste número) pudesse evocar explícita e implicitamente associações teístas, das quais os autores estão plenamente cientes. O segundo *tweet* compara abertamente "abençoado pelo algoritmo" a um cristão "que a paz esteja com você", e aponta para isso abrangendo tanto o jargão tecnológico quanto as referências espirituais.

---

<sup>1</sup> Tradução para a língua portuguesa realizada por Alice Duarte, graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia. Universidade de Varsóvia, Polônia. E-mail: [marta.kolodziejska@ifispan.waw.pl](mailto:marta.kolodziejska@ifispan.waw.pl). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6868-3050>.

\* Como citar: KOŁODZIEJSKA, Marta. Comentário de Kołodziejska a Singler. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 47-52, 2023.

A Igreja de Turing descrita no artigo (Singler, 2023), apesar de ser um pequeno grupo, reflete sobre a tecnologia como uma divindade, na tentativa de combinar tecnologia com religião e conceitos transumanistas. Emprega uma perspectiva cientificista sobre o universo e visa preencher a lacuna entre religião e ciência, mas também segue os princípios transumanistas de alcançar a perfeição como seres humanos com a ajuda da tecnologia. A Igreja Turing, a meu ver, não diviniza a tecnologia como tal, mas vê nela a ferramenta com a qual a humanidade pode se tornar divina (isto é, imortal, atingindo seu pleno potencial cognitivo, biológico e social), embora um conceito de "deus" (um computador superinteligente que cria simulações da realidade em que os humanos vivem – um conceito bem conhecido após "*Matrix*") tenha características teístas.

A autora conclui que ambos os exemplos mostram "como a IA se encaixa no 'espaço divino' em novos movimentos religiosos e em ideias transumanistas" (Singler, 2023, neste número), com a ressalva de que as descobertas não descrevem nenhuma tendência geral ou importante nas sociedades modernas. Apesar de pertencer a comunidades relativamente pequenas e pouco conhecidas, o artigo aborda uma questão importante e oportuna. À medida que a prevalência de várias soluções e tecnologias baseadas em IA lentamente se torna um fato para uma grande parte do mundo, inevitavelmente levanta questões sobre como a IA é percebida no universo simbólico e qual é o seu lugar nos debates sobre as intersecções de religião e tecnologia. Além disso, várias organizações religiosas em todo o mundo estão fazendo uso de soluções de IA, por exemplo, implantando padres e monges robóticos, às vezes puramente como um experimento e às vezes por razões práticas. O padre robótico chamado *SanTO*, em exibição em uma paróquia católica em Varsóvia em 2021, não realizou nenhum sacramento, mas respondeu às perguntas dos visitantes. O objetivo deste experimento era ajudar a educar as pessoas sobre o catolicismo e talvez também despertar um interesse entre as gerações mais jovens. Seu antecessor japonês, Mindar, foi instalado em um templo budista em Tóquio e, embora ele não fosse realmente um exemplo de implementação genuína da IA (ou

seja, ele não reuniu dados que seriam usados para treinar suas respostas), ele pregou e realizou cerimônias. Embora tais tentativas sejam principalmente experimentais nesta fase, elas já levantam questões importantes sobre o significado do sacerdócio, a importância do contato humano direto durante os serviços religiosos e os significados e valores em mudança atribuídos às comunidades religiosas.

O espanto e o medo ligados ao mistério da tecnologia são, como observa Singler, refletidos na linguagem – alguns estudos anteriores apontam para um processo semelhante de "deificação" da mídia digital e da Internet especificamente, pelo menos no nível discursivo. Por exemplo, como Karen Pärna (2010) mostrou, durante o "*hype da internet*" da década de 1990, o potencial da internet para transformar radicalmente as sociedades foi altamente idealizado, pois a *web* incorporava um "instrumento para realizar sonhos de riqueza, conforto, liberdade e assim por diante, e muitas vezes a ênfase estava em sua capacidade de conceder às pessoas acesso a novos mundos e novos prazeres" (Pärna, 2010, p. 167). Uma vez que a *internet* se tornou amplamente disponível e popular e se transformou em uma parte mundana da vida cotidiana (a maneira como a Internet funciona também não é mais um grande mistério), tais associações utópicas e teístas se tornaram menos populares. No entanto, e é aqui que o artigo de Singler se mostra relevante, com o surgimento de novas tecnologias como a IA, que apesar de sua maior disponibilidade, ainda permanecem insondáveis para muitos (se não a maioria) usuários, é possível que essa forma de linguagem idealizada e teísta seja revivida.

Também pode ser o caso de que significados teístas possam ser encontrados em vários espaços digitais. Por exemplo, alguns estudos mostraram que os jogadores *online* atribuem significados religiosos a vários elementos de seus jogos favoritos, como no caso de *World of Warcraft*, cujos jogadores exibiram várias formas de "reflexividade religiosa" (Schaap e Aupers, 2017). Eles misturaram ativamente estruturas religiosas com estruturas seculares, fictícias e míticas para criar sistemas de significado pessoais individualizados. Embora isso não significasse necessariamente que todos os jogadores eram

religiosos, jogar o jogo sensibilizou alguns de seus jovens participantes para o topo religioso. É, portanto, importante entender como os significados teístas/religiosos são construídos por meio do uso da tecnologia e analisar como eles são atribuídos a diferentes aspectos da realidade midiaticizada. O artigo de Singler contribui para essas discussões e prova que, juntamente com o desencanto do mundo, ainda há a necessidade de procurar admiração, mistério e o inexplicável.

Minha crítica não diz respeito ao tópico do artigo ou ao objeto de reflexão em si, mas aos métodos de análise de dados e uma breve – e, na minha opinião, insuficiente – reflexão sobre a natureza paródica/irônica de alguns dos *tweets*. Em primeiro lugar, o que eu senti que faltava era a referência à análise qualitativa de texto e seus procedimentos – enquanto a autora menciona codificação e sistematização de código, além dos critérios básicos de seleção e tipologia descritos, há pouco a inferir sobre como os códigos foram projetados, agrupados e o que eles englobavam, ou em que perspectiva metodológica a análise se baseava. Eu também argumentaria que, dado o problema da pesquisa, a realização de análise de sentimento em todas as discussões poderia revelar mais sobre os tons emocionais das trocas do *Twitter*, que neste momento parecem bastante superficiais e focadas principalmente na distinção "abençoado/amaldiçoado por".

Em segundo lugar, a autora menciona o uso paródico da frase "abençoado pelo algoritmo" e argumenta – com razão – que a existência da paródia ainda aponta para o vocabulário religioso/sagrado como tendo um lugar importante no imaginário social, uma vez que "a paródia e a metáfora podem influenciar o pensamento conceitual, os sistemas de crenças e a formação e o desenvolvimento de novos movimentos" (Singler, 2023, neste número). No entanto, pela falta do pano de fundo dos *tweets* (ou seja, referências aos tópicos dos quais faziam parte), é difícil avaliar o que torna essas trocas específicas diferentes ou semelhantes a outras instâncias de uso da frase "abençoado por" em contextos não religiosos. Por exemplo, existem alguns *tweets* descrevendo achados preciosos de lojas de segunda mão, que contêm a frase "abençoado pelos deuses da economia". É seguro

supor que a grande maioria dos usuários do *Twitter* que postam esse tipo de conteúdo o usa brincando e parodiando, em vez de perceber suas pechinchas de brechó como resultado de intervenções divinas. Como não é a complexidade e o avanço tecnológico que inspiram os usuários a invocar a frase nesses casos, é provável que esses *tweets* se refiram ao acaso ou à sorte. Diante desse cenário, o que distingue as narrativas relacionadas à IA analisadas? Como sabemos até que ponto o funcionamento obscuro da IA é diferente de outras instâncias de pessoas admiradas, confusas ou humoradas pelo desconhecido (o que quer que esse "desconhecido" signifique)? Para mim, como estudiosa da sociologia da religião digital, seria particularmente interessante saber como os tweets "abençoados pelo algoritmo" se encaixam nesse contexto mais amplo, em que medida exemplificam processos que ocorrem em outros lugares e em que medida representam novos desenvolvimentos. Minha interpretação ad hoc é que um elemento distintivo poderia ser a agência humana e seu efeito sobre o próprio algoritmo. Uma vez que o viés algorítmico está regularmente capturando a atenção do público (por exemplo, em casos de sexismo e racismo), isso torna a IA uma "divindade" peculiar: é a intervenção humana que a criou, molda e alimenta os dados necessários para o desenvolvimento posterior, mas explicar como ela faz o que faz se torna cada vez mais difícil para a pessoa comum. Além disso, os debates em curso na mídia sobre as possíveis consequências negativas da automação e do aumento do uso da IA na formação do mercado de trabalho ou da educação indicam que a sorte ruim ou boa é projetada em algum lugar do Vale do Silício, e a inevitabilidade de estar sujeito a esses projetos coloca indivíduos e sociedades inteiras em uma posição precária. As referências aos algoritmos do *You Tube* e *Instagram* nos *tweets* analisados, a meu ver, apontam nesse sentido. Em outras palavras, a IA é uma "divindade" que sabemos com certeza que é feita pelo homem (portanto, a "maldição algorítmica" pode ser particularmente frustrante), o que não elimina necessariamente as conotações teístas. Para mim, isso indicaria que a paródia e a ironia precisam ser exploradas mais profundamente, precisamente por causa dos diferentes contextos em que a IA está presente nos discursos dominantes da

mídia. Elaborar sobre essas questões com mais profundidade possibilitaria uma argumentação mais forte para o artigo e matizaria a compreensão das concepções teístas epônimas.

## REFERÊNCIAS

PÄRNA, Karen. *Believing in the Net* (LUP Dissertaties). Leiden: Leiden University Press, 2010.

SCHAAP, Julian; AUPERS, Stef. “Gods in World of Warcraft Exist”: Religious Reflexivity and the Quest for Meaning in Online Computer Games. *New Media & Society*, v. 19, n. 11, p. 1744-60, 2017.

SINGLER, Beth. “Abençoado pelo algoritmo”: concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 13-44, 2023.

Recebido em: 22/05/2023

Aprovado em: 22/06/2023